



PODER

Lula fecha com PT e põe Gleisi na articulação

Presidente anuncia deputada federal para a Secretaria de Relações Institucionais, pasta responsável por negociar pautas do governo com o Congresso. De perfil combativo, a dirigente do partido já comprou muitas brigas no Parlamento

» MAYARA SOUTO
» VICTOR CORREIA

Ricardo Stuckert / Presidência da República



Gleisi Hoffmann, o presidente Lula e Alexandre Padilha no Palácio do Planalto: com a escolha da deputada, governo terá 10 mulheres, e 28 homens

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva decidiu manter com o PT uma pasta estratégica para o governo. Num anúncio que causou uma certa surpresa, ele escolheu a deputada federal e presidente do partido, Gleisi Hoffmann, para comandar a Secretaria de Relações Institucionais (SRI), no lugar de Alexandre Padilha, confirmado no Ministério da Saúde. A posse dela está marcada para 10 de março.

A entrada de Gleisi no governo já era dada como certa, mas ela era cotada para substituir Márcio Macêdo na Secretaria-Geral da Presidência. O nome da parlamentar ganhou força para a SRI após a demissão de Nísia Trindade do Ministério da Saúde, na terça-feira, e o anúncio de que Padilha assumirá a pasta.

A vaga aberta nas Relações Institucionais provocou embaite entre duas correntes. Uma delas defendia um nome do Centrão, para fortalecer o diálogo do Planalto com o Congresso Nacional — em meio à queda de popularidade de Lula. Os cotados eram o deputado Isaldo Bulhões (AL), líder do MDB; e o ministro de Portos e Aeroportos, Sílvio Costa Filho (Republicanos). Outra vertente pregava que o cargo deveria continuar sob direção do PT. Os candidatos citados eram o deputado José Guimarães (PT-CE), líder do governo na Câmara, e o senador Jaques Wagner (PT-BA), líder do governo no Senado.

“A companheira e deputada federal Gleisi Hoffmann vai integrar o governo federal. Vem para somar na Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República, na interlocução do Executivo com o Legislativo e demais entes federados”, escreveu Lula, em suas redes sociais.

Gleisi, por sua vez, agradeceu a Lula e prometeu seguir dialogando com os demais partidos e instituições.

“Com imensa responsabilidade recebo do presidente Lula a condução da SRI. Sempre entendi que o exercício da política é o caminho para avançarmos no desenvolvimento do país e melhorar a vida do nosso povo”, ressaltou.

“É com esse sentido que seguirei dialogando democraticamente com os partidos, governantes e lideranças políticas.”

De espírito combativo, Gleisi defende reiteradamente as políticas de Lula, mas também não poupa de críticas a setores do governo. Mais de uma vez, a deputada rebateu medidas defendidas pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad. Em 2023, reclamou do arcabouço fiscal, que limitou o crescimento dos gastos públicos.

Também disparou contra partidos de centro, como o União Brasil, que não entregou o apoio prometido no Congresso, apesar de ter sido contemplado com três pastas na Esplanada.

No ano passado, após as eleições municipais, Gleisi criticou Padilha, que havia reprovado o desempenho do PT na disputa, dizendo que o partido está na “Z4”, ou na zona de rebaixamento. “Ofender o partido, fazendo graça, e diminuir nosso esforço



Sempre entendi que o exercício da política é o caminho para avançarmos no desenvolvimento do país. É com esse sentido que seguirei dialogando democraticamente com os partidos, governantes e lideranças políticas”

Gleisi Hoffmann,
deputada e presidente do PT

nacional não contribui para alterar essa correlação de forças”, rebateu, à época.

Aliados, porém, acreditam que a parlamentar vai adotar tom mais moderado à frente da SRI.

Ontem, Padilha celebrou a escolha de sua sucessora. “Tenho certeza de que a presidenta, que já exerceu com brilhantismo cada uma das diversas funções em sua vida pública, terá muito sucesso na articulação política do governo Lula”, ressaltou.

Outros integrantes do governo também se manifestaram. Para o vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, Gleisi é “uma companheira da melhor qualidade. Mulher aberta ao diálogo e de compromisso com o Brasil. Decisão acertada do presidente Lula”.

Câmara e Senado

Lula comunicou, por telefone, aos presidentes da Câmara,

Hugo Motta (Republicanos-PB), e do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), a sua escolha.

Por meio das redes sociais, Motta disse que sempre teve “boa relação com ela no Parlamento”. “Desejo pleno êxito na nova função, e continuaremos o diálogo permanente a favor do Brasil”, acrescentou.

Alcolumbre, por sua vez, também desejou sucesso à nova ministra. “Em nome do Congresso Nacional, reafirmo nosso compromisso em trabalhar sempre em defesa do Brasil”, escreveu.

O mandato de Gleisi no PT terminaria em julho, mas deve ser abreviado. Assim, a ida dela para o Palácio do Planalto indica, também, que a sucessão no comando da legenda está resolvida. O nome mais forte para ocupar o posto é Edinho Silva (PT-SP), ex-prefeito de Araraquara e ex-coordenador de Comunicação da campanha presidencial de 2022.

Perfil

Atuação no Parlamento e no governo

Natural de Curitiba, a deputada federal e presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, tem 59 anos e é formada em direito. Ela iniciou sua trajetória política por meio da militância no movimento estudantil. Em 1989, se filiou ao PT e consolidou-se como uma das figuras mais influentes da legenda.

Antes de presidir o partido, atuou como secretária nos governos petistas de Zeca, no Mato Grosso do Sul, e de Nedson Micheletti, em Londrina. Também integrou a equipe de transição do primeiro governo Lula e assumiu uma diretoria da Itaipu Binacional.

Em 2010, Gleisi foi eleita senadora pelo Paraná e, um ano depois, licenciou-se do cargo para assumir a Casa Civil no governo de Dilma Rousseff, tornando-se uma de suas principais aliadas. Esteve ao lado da ex-presidente durante o impeachment de 2016 e, no ano seguinte, assumiu a presidência do PT, liderando a sigla em um período turbulento, que incluiu a prisão de Lula, a Lava-Jato e a eleição de Jair Bolsonaro (PL).

Além da vitória ao Senado, Gleisi já disputou cargos no Legislativo e no Executivo. Em 1998, concorreu a deputada estadual no Paraná. Tentou uma vaga no Senado em 2006 e, em 2008, foi candidata à Prefeitura de Curitiba. Em 2014, disputou o governo do estado. Já em 2018, elegeu-se deputada federal, sendo reeleita em 2022.

No comando do PT há quase oito anos, a deputada esperava integrar o governo em janeiro de 2023. Já naquela ocasião a previsão é de que Gleisi assumisse a Secretaria-Geral. Mas, de última hora, Lula pediu a parlamentar que permanecesse mais tempo na presidência do PT.

Ligação para Haddad e aproximação com líderes do Congresso

A Secretaria de Relações Institucionais, que a deputada Gleisi Hoffmann assumirá, é o ministério mais estratégico do núcleo de governo, que faz a articulação entre o Palácio do Planalto e o Congresso, negociando até mesmo emendas parlamentares, pivô da atual crise política.

No mês passado, o presidente Lula conversou com Gleisi em duas ocasiões sobre sua ida para o governo. O convite inicial havia sido para ela assumir a Secretaria-Geral da Presidência, que cuida dos movimentos sociais, hoje ocupada por Márcio Macêdo. Nos últimos dias, porém, a parlamentar deixou claro que gostaria de auxiliar o presidente na articulação política do governo.

Uma das principais missões de Gleisi será construir alianças com partidos para o presidente disputar a reeleição, em 2026.

A entrada de Gleisi no Planalto cria mais um polo de poder neste terceiro mandato de Lula, uma vez que ela sempre se destacou por fazer um contraponto à política econômica adotada pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, tentando puxar o governo para a esquerda. Em resolução política de dezembro de 2023, o PT chegou a definir o pacote de corte de gastos proposto por Haddad como “austericídio fiscal”.

Após ser confirmada como ministra, porém, Gleisi telefonou para Haddad e disse que quer conversar com ele depois do carnaval. Considerada na Esplanada dos Ministérios como uma pedra no sapato do chefe da equipe econômica, a deputada também ligou ontem para líderes de siglas no Congresso.

Na prática, a escolha da presidente do PT para a cadeira antes

HEULER ANDREY



Gleisi é considerada uma pedra no sapato de Fernando Haddad

ocupada por Alexandre Padilha surpreendeu até mesmo a cúpula do partido. Por ter um

estilo de enfrentamento, Gleisi comprou muitas brigas no Congresso, não apenas com o PL

do ex-presidente Jair Bolsonaro, mas também com o Centrão. Criticou, por exemplo, o que chamou de “forças conservadoras e fisiológicas” desse grupo de partidos que, na sua avaliação, foi beneficiado nas últimas eleições pela “absurda norma do orçamento impositivo num regime presidencialista”.

Apesar de desaconselhado a nomear Gleisi por alguns interlocutores com quem conversou recentemente, Lula disse que tinha uma dívida de gratidão com a deputada. Observou ainda que Gleisi, sempre vista como muito radical, era uma “grande articuladora política” e já tinha dado provas disso quando foi ministra da Casa Civil no governo Dilma Rousseff, de 2011 a 2014.

À frente do PT na época em que Lula estava preso, Gleisi também organizou a vigília

“Lula Livre”, que permaneceu 580 dias diante do prédio da Superintendência da Polícia Federal, em Curitiba. Na coordenação da campanha de 2022, foi ela quem também negociou com os partidos, da esquerda ao centro, o apoio ao então candidato petista.

Nos bastidores, porém, aliados do governo, principalmente do Centrão, temem que a ida de Gleisi para a chamada “cozinha do Planalto”, onde são tomadas as principais decisões sobre os rumos do governo, piore ainda mais as relações com o Congresso num momento em que a popularidade de Lula tem despencado.

Apesar de integrar a corrente Construindo um Novo Brasil (CNB), vista como centro político do PT, Gleisi sempre teve um perfil mais à esquerda. A CNB é a mesma tendência de Lula, Haddad e Padilha.